

Caderno de poesias I

Quatro poemas

Alípio Correia de Franca Neto¹

SERENDIPISMO

Uma pulsão, imperativa
como a fome ou a sede, dá início

a esta pressão coordenativa
dos dedos no teclado -- passos

que se acercam, sub-reptícios,
da caça: o seu mundo perdido,

que após um ano veio postar-se
aqui como um cervo que pasce.

Um problema, não um mistério.
Você escolhe, rejeita, escolhe

de novo, como a pessoa que olhe
por um binóculo e tente

a custo regular a lente,
fixar o foco. Mas palavras

nunca sobem quando elas querem
descer, não são seus cães de caça

que você solte pra ir no encalço
da presa em meio a mil pegadas,

na água ou no interior do chão.
Não são armas com que alvejá-la,

nem armadilhas que se espalhem
de um lado e de outro. No momento em

que faço estes apontamentos,
se enganará e virá direto

aonde estou de tocaia?, ou então,
(considerando que ela é arisca

às garras e às menores iscas
da mente) a um movimento mais

brusco, partirá em disparada,
sem que me reste alternativa

salvo sair atrás da presa
esquiva, e pensar no trajeto

numa forma de encurralá-la
quando estiver mais indefesa,

sem permitir que com meus erros
seus músculos se tornem férreos,

nem que uma série de fatores --
trabalho, doenças, amores,

cansaço, festas, funerais --
neutralize o ato, e torne incerto

se ou quando ocorrerá outra vez?
Rilke disse que a vida inteira

temos dez versos a contento.
Poesia congrega vida e morte.

Ela requer reconhecer, a
cada passo, algum tropeço,

lembrar do seu estado inerme,
ou que nem sempre se está alerta.

Olhe pra trás. Desde o começo,
a sensação de espanto, lapso,

do chão cedendo sob os pés,
trazia, camuflado, em germe,

o que seria descoberto
em forma de ironia cruel:

como outro predador, mais forte,
sagaz, seguiu pelo papel

os seus sinais e movimentos;
o fez tomar uma negaça

por uma caça; e abriu em breve
este fosso, que foi coberto

de galhos e ramagens leves.

A DEGRADAÇÃO DA MORTE

No início, como parte do destino
Dos homens, toleravam-na, era aceita;
Reconhecíamos sua majestade,
Olhávamos com horror e com respeito

Quando passava, em meio a pranto e gritos,
Depois, voltávamos nossa atenção
À terra, que a presença fria dela
Instava a cultivar, nosso torrão

Herdado, nossa herança no futuro.
Era uma atividade meritória,
Um jogo, um desafio com seus perigos,
Algo que ficaria na memória.

O tempo se incumbiu de nos mostrar
Que era tapar o sol cum a peneira;
Soubemo-nos, de fato, sem aquilo
Que não teríamos de qualquer maneira:

Ela ainda estava à vista, só que agora
Ninguém levava mais nossa obra a sério.
A semeadura não daria frutos,
A nossa terra era uma terra estéril,

E exaustos, com aversão ao grande esforço,
À longa espera, ríamos do heroísmo;
Havia que desprezá-la, não pensar
Em nossa condição, sem consumirmos

Tempo e energia. Alguns de nós falavam,
“Ela é só isto, não sejamos tolos --
É abominável, uma coisa besta
Como uma bala perdida, um tijolo

Caindo da construção”. Outros diziam,
“Não é na calma que você não pensa
Nela. É no ruído, numa agitação
Na qual nossa existência resplandeça”.

Aos poucos a tocávamos pra longe,
Era quase invisível. Mais e mais
Ficava a cargo dos especialistas,
Era esquecida dentro de hospitais,

De guetos geriátricos, e a dor
Da perda, esta era explicada em termos
De problemas de personalidade --
Ou então proliferava, noutra extremo,

Em forma de imagem, gerada e extinta
Num gesto idêntico, sem substância
E despertando uma emoção fugaz
Em nós -- a imagem de outros, a distância,

Uma multidão sem nome e atordoante
Tragada pelo transe universal --
Um espetáculo de rua, cheio
De estrondos, de clarões e sem final.

Quando ela pareceu irreal, e o tempo
Não teve mais coesão, capitulamos
A um sono fundo e breve à noite. O sol
Voltou, com o mesmo dia. E despertamos.

BRIGA DE MADRUGADA

Berros, e no meio da noite cada um desperta
Imediatamente num estado de alerta,
“Eu pago a porra desse aluguel!”, grita a voz
De alguém jovem, que repercute pelo poço
Do prédio. Persianas são fechadas com força.
“Eu te ajudei!”, irrompe a voz de um velho; após

Segundos de silêncio, de outro apartamento
Vem o “Olha esse barulho!”; num baque violento,
Bate uma porta; “abre essa merda!”; alguém dá socos
Ou chutes nela; “deixa a minha filha em paz!”,
Diz, trêmula, a voz de uma velha, ao que o rapaz
Retruca, “cala a tua boca! Vocês são uns loucos,

E a filha de vocês não presta!"; então se escuta o
Velho, "repete o que você falou, seu putto!",
E a comoção de ruídos surdos, de gemidos
E imprecações, a voz de uma criança com um "ai!"
Que se dissolve em choro, alguém gritando "pai!"
Com horror, móveis caindo, um vidro que é partido --

Tudo como se alguma força natural
De repulsão, tão autônoma quanto um mal,
Não só os desagregasse entre si, uma espécie
De morte, mas os separasse num segundo
Do prédio, da rua, da cidade, do mundo,
De tal maneira, que nada mais ali viesse

A não ser deles. E enquanto em ponto distante
Gente ainda mais estranha se prosterna diante
De estrelas de um destino, o corpo de bombeiros
Que chega com a sirene e pára no local
Traz só uma verdade poética incidental
Aos que queimam na fogueira do desespero.

O LEITOR

em louvor de James Joyce

Dizia, sou um homem sem imaginação,
 procuro alguma coisa e a encontro no caminho.
A espécie de arte que almejava carecia
 de um sustentáculo anterior à criação.

Como o hermeneuta, o jesuíta afeito a técnicas
diversas de leitura, anos a fio rastreou,
das Escrituras até os livros seculares,
as formas que a palavra escrita havia assumido --

ele tinha ânsia de entender, cada vez mais,
pela leitura, o que era ler; de perscrutar
as semelhanças entre um texto, que se trama
na língua, e a vida da pessoa, que se trama

na experiência – sem jamais ignorar
que os termos, como quem os utiliza, são
falíveis: podia usar até dos mais antigos,
só não podia ter o mesmo sentimento.

Desde jovem, já parecia inevitável
que sua disposição, tão apta a encarar
verdades quase intoleráveis, levaria
o homem que ele era a entrar em guerra contra o artista

que ele era, e impediria de fechar os olhos
para qualquer limite da energia humana:
nunca prometeria, nunca esperaria
que fosse eterna a vassalagem das palavras,

da mesma forma, não podia acreditar
que a lealdade de amigos durasse pra sempre,
nem servir as coisas em que havia perdido
a fé -- terra natal, família, igreja – nem

sequer satisfazer a fome de si mesmo
com pedras frias. Sabia que cada um escolhe
o seu quinhão de sofrimento, o seu destino;
devia incorrer no débito da coisa feita,

não permitir inquietações quanto ao futuro,
eram um desrespeito ao momento presente,
o ponto em que a vida por vir deságua e vira
passado. Uma província, imersa na mais triste

paralisia da existência, era matéria
sólida, boa pra se erguer uma morada
pros ideais – palco da peça em que cada um
tem um papel. Tudo o que tinha, e o que buscava,

estava lá; era preciso paciência,
segurança, ter a alma satisfeita, a fim
de olhar para essas coisas, as desentranhar
e reencarnar. Assim, com as armas que ele tinha –

silêncio, exílio, astúcia -- leu cidades, ruas,
rios e paisagens, pessoas, sonhos, a memória,
o cotidiano caótico e os padrões da história,
leu essas coisas como páginas de um livro;

e lê-las desse modo equivalia a achar
uma consciência incriada – e um prazer tão maduro
quanto a piedade pelos outros, o pendor
para culpar o mundo sem culpar ninguém.

Aquele apóstata tinha outra fé, de que a poesia
ou a arte nos ajudavam a compreender
onde estamos em nossa situação dedálica,
de imagens desconexas, da infância à velhice

sem ver sentido na jornada, sem um pai
pra nos mostrar qual a tarefa, qual a ação
mais adequada pra ela -- e estava convencido
de que ninguém se perde tanto quanto aquele

que não vê além do próprio umbigo, e indiferente
ao diálogo de namorados no cair
da noite, parecendo um salmo, ou ao órgão
da igreja no Largo Santa Cecília ecoando

irresistivelmente real, não se dá conta
de algo se destacando do plano de fundo,
auto-suficiente – uma mulher, com uma ginga,
um quê feito pra se degustar com a língua --

o momento radiante, fugaz, parecido
com brasas se apagando, quando, numa esquina
que perdeu seu sentido habitual, uns olhos,
pelo encantamento do coração, nos lêem.

¹ Poeta, tradutor e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, com o projeto “A Balada do Velho Marinheiro como representação artística da *revery* dos românticos”. “Quatro poemas” fazem parte do livro *Amigos de Infância*, a ser lançado pela Editora Iluminuras.